



### EDITORIAL

A Revista de História da UFBA apresenta ao público mais uma edição construída a partir do comprometimento com uma historiografia crítica, plural e socialmente engajada. Há perguntas que a História não cessa de formular: quem tem o direito de ser lembrado? Quais vozes são autorizadas a falar sobre o passado? E a quem serve o silêncio? O décimo terceiro volume da Revista de História da Universidade Federal da Bahia não nasce de uma resposta unívoca a essas questões, mas da disposição de pesquisadoras e pesquisadores de diferentes regiões do país e de distintas filiações teóricas para enfrentá-las com rigor, criatividade e comprometimento ético. Os textos aqui reunidos percorrem temporalidades e espacialidades diversas, do Brasil oitocentista às ditaduras latino-americanas do século XX, da Belém da *Belle Époque* à ocupação colonial britânica em Lagos, dos desaparecidos políticos brasileiros à Palestina sob dominação sionista, mas compartilham, em profundidade, um mesmo gesto intelectual: o de escavar o que foi soterrado, nomear o que foi apagado e questionar as narrativas que apresentam a dominação como natural ou inevitável.

Esse gesto começa, neste número, com a recuperação de sujeitos históricos sistematicamente excluídos das grandes narrativas nacionais. Drivia Lorenz Rodrigues Guevara reconstitui a experiência dos quarenta trabalhadores chineses contratados pela Companhia de Mineração Maranhense e enviados, entre 1850 e 1860, à colônia de Maracassum, na fronteira entre o Pará e o Maranhão. A autora demonstra como os discursos sobre a imigração chinesa articulavam, de forma reveladora, argumentos econômicos e raciais: esses trabalhadores eram apresentados como solução imediata para a crise de mão de obra, mas deliberadamente excluídos do projeto de colonização permanente reservado aos imigrantes europeus. Ao rastrear as formas de resistência desses homens, das queixas formais à recusa ao trabalho, o artigo os restitui como agentes históricos, recusando reduzi-los à condição de vítimas passivas de uma estrutura que os negava.

Também a partir de fontes visuais e documentais do século XIX, Laura Camila Silva da Silva e João Pedro Alves das Neves Costa investigam os álbuns fotográficos produzidos por Arthur Caccavoni e Felipe Fidanza em Belém do Pará entre 1898 e 1911. Os autores demonstram como a fotografia operava, naquele contexto, como dispositivo de poder simbólico: ao celebrar a Belém europeizada do ciclo da borracha, os álbuns propagandísticos produziam uma memória urbana seletiva que invisibilizava os *Covões de São Braz* em nome de um projeto civilizatório fundado na exclusão. A continuidade entre a precariedade do século XIX e as enchentes que voltariam a assolar o mesmo bairro no fim do século XX é a cicatriz que o discurso do progresso nunca conseguiu ocultar por completo.

Se os dois primeiros artigos reconstituem sujeitos e espaços silenciados, o terceiro amplia essa perspectiva para o Atlântico Negro. Sivaldo dos Reis Santos investiga as trajetórias dos irmãos Maxwell Assunção Alakija (1871-1933) e Adeyemo Alakija (1884-1952), descendentes de uma das famílias *agudás* mais proeminentes da Nigéria. Advogados formados em ambos os lados do Atlântico, os irmãos protagonizaram formas articuladas de militância antirracista em Salvador e anticolonial em Lagos, onde Adeyemo se tornaria uma das vozes mais ativas contra a dominação britânica. O artigo demonstra que a diáspora afro-brasileira produziu, para além de expressões culturais e religiosas amplamente estudadas, um engajamento político transoceânico coerente e sistemático.

A memória como campo de disputa reaparece, com intensidade ainda maior, no artigo de Caroline Rios Costa sobre o romance *K. Relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski. Tomando a obra como arquivo literário da ditadura militar brasileira, a autora examina a impossibilidade do luto na ausência do corpo como experiência constitutiva dos familiares de desaparecidos políticos. A análise revela que a Lei de Anistia de 1979, longe de promover uma reconciliação real, funcionou como mecanismo de impunidade que transferiu às vítimas e a seus parentes o peso de um luto sem fim. Um passado que, como enuncia o próprio Kucinski, “não passa”. Ao situar o romance no entrecruzamento entre testemunho, ficção e história do tempo presente, o artigo contribui para um campo de reflexão que se tornou urgente no Brasil contemporâneo.

Essa urgência é também o ponto de partida do quinto artigo. Lucas Matheus Araujo Bicalho, Luís Fernando de Souza Alves e Guilherme Carvalho Vieira desmontam o mito do pacifismo brasileiro como dispositivo ideológico que naturaliza a violência estrutural e deslegitima o dissenso. Em diálogo com Florestan Fernandes, Sérgio Buarque de Holanda, Caio

Prado Júnior e Michel Foucault, os autores demonstram como a narrativa de cordialidade e conciliação nacional opera como tecnologia de poder que protege privilégios históricos, criminaliza movimentos sociais e mantém intactas as hierarquias de raça e classe.

A seção de entrevista traz ao leitor a conversa de Felipe Duccini com o historiador norte-americano Alan L. McPherson, professor na Universidade de Temple e autor de *Ghosts of Sheridan Circle* (2023). McPherson discorre sobre o assassinato de Orlando Letelier pelo regime de Pinochet em Washington, em 1976, e sobre as décadas de luta judicial que se seguiram. Ao reconstituir os nexos entre a DINA, a Operação Condor e a convivência seletiva da inteligência norte-americana, a entrevista oferece ao leitor brasileiro uma perspectiva comparada indispensável, sobretudo quando se considera que os limites da justiça de transição no Chile, no Brasil e em outros países do Cone Sul ainda conformam o presente.

O número encerra com duas resenhas que, cada uma a seu modo, prolongam os debates inaugurados pelos artigos. João Nilo de Souza Nobre apresenta ao leitor de língua portuguesa a edição brasileira de *Trabalho intelectual e manual*, de Alfred Sohn-Rethel (Boitempo, 2024), situando a contribuição do pensador frankfurtiano na tradição do materialismo histórico e avaliando criticamente sua tese sobre a separação entre trabalho manual e intelectual como fundamento estrutural da dominação burguesa. Já Bruno Casseb Pessoti resenha *A maior prisão do mundo*, do historiador israelense Ilan Pappé (Elefante, 2025), obra que documenta o sistemático aparato de controle, vigilância e punição coletiva imposto por Israel à população palestina a partir da Guerra dos Seis Dias, em 1967. Lida à luz do genocídio em curso em Gaza, a obra de Pappé é uma ferramenta de inteligibilidade para o presente.

Apresentar esta edição, para a Comissão Editorial, é um motivo de satisfação que não apaga as dificuldades inerentes ao trabalho de edição de uma revista acadêmica discente e descentralizada. Coordenar fluxos de submissão, avaliação e revisão entre pesquisadores em diferentes estágios de formação, de distintos programas e instituições, sem estrutura profissional de apoio editorial e com os constrangimentos de tempo próprios da vida acadêmica – teses, disciplinas, docência –, é uma tarefa que exige tanto rigor quanto generosidade coletiva. Cada número desta revista é, nesse sentido, resultado de um esforço colaborativo que ultrapassa em muito o que qualquer sumário é capaz de registrar.

A Revista de História da UFBA é uma publicação anual. Adotamos, contudo, uma política de publicação contínua: à medida que novos textos forem submetidos, avaliados por pares e

editados ao longo do ano, serão progressivamente incorporados e disponibilizados neste volume. Convidamos pesquisadoras e pesquisadores a acompanharem essas atualizações e a submeterem suas contribuições.

Agradecemos às autoras e aos autores pela confiança depositada em nosso periódico, aos pareceristas pelo rigor e generosidade do trabalho de avaliação, ao Professor Alan McPherson pela gentileza em conceder a entrevista, e à equipe editorial pelo empenho cotidiano que torna possível este projeto coletivo.

**Boa leitura.**

Eduardo José de Santana Júnior

Luzia Beatriz Ramos Alves

Lia Keller Ferreira

Vanessa Magalhães da Silva

**Conselho Editorial da Revista de História da UFBA**